

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

AUGUSTO CUNHA

A photogravura que hoje illustra a «Lagrima» é d'esse rapaz que Barcellos inteiro estima e se chama—Augusto Cunha, (com bigode)...

Se presentemente o nosso amigo o não tem, isso pouco interesse merece a este humilde escorço.

...Cunha é presentemente para o bigode o mesmo que Pedro Sem foi para a fortuna—«que já teve e agora não tem»...

O Augusto, com ou sem elle, é sempre Augusto; é o caso da pescada, que antes de ser já o era...

*

O nome do nosso amigo póde definir o seu todo, moral, intellectual e physico, caro leitor...

Se a palavra *augusto* é muitissimo applicada nos actos solemnnes, em que entre a divindade celeste ou a magestade terrena figure, póde-o tambem ser para symbolisar a distincção do seu coraçon bonfoso e magnanimo; da sua intelligencia clara; da sua physionomia attrahente.

*

Achamos justo que «A Lagrima» se illustre hoje com o retrato do humilde seminarista Cunha, aqui onde as vestes de um bispo preclaro e a farda d'um conselheiro illustre, preluziriam.

Salomão que, segundo um escriptor auctorisalo, foi uma viva livraria do seu tempo, aonde representou as aguias não excluiu as formigas.

*

Sobre ser um bom filho, um bom cidadão, Augusto é um artista na muzica.

O adagio manda-o *nadar*, tal o poder da hereditariedade vinda do maestro José Joaquim da Cunha—*peixe* de que elle é filho.

De bandolim na mão devaneia como um poeta e encanta como uma sercia.

*

Futuro padre, elle ha de ser necessariamente um modelo de virtude e de abnegação, porque para isso tem conquistado, com factos praticos, direito a tal vaticinio. A. S.

CRITICA

Para *dizer-se* deve saber-se, sentir-se e pensar-se.

Muitas vezes succede que o individuo é ignorante, não pensa o que diz, não sente o que diz, e não sabe o que diz...

Não é desconhecido que fomos correctos e delicados com o sr. Antonio Azevedo, criticando-o por ter pronunciado, no Recolhimento do *Menino Deus*, o nome de Luthero com louvaminhas, n'uma festa de creanças.

A phantasia, dissemos, teria ali melhor logar que a citação pesada.

Encantava melhor a borboleta que o beijo sensual...

Houve quem assim o não entendesse, pois que, armado em defensor do sr. Azevedo, nos chamou «puramente indecentes»...

Isto não é comprehender—é arrotar...

A proposito trazemos para aqui o seguinte *suelto*, de que é auctor um escriptor fallecido, cheio de espirito eo melhor traductor de Balzac que tivemos.

E' momentoso para nós e para quem nos



A LAGRIMA

acompanhou nas nossas considerações, porque se trata de um caso semelhante ao do Recolhimento.

Tem, pois, a palavra o talentoso escriptor:

«N'uma carta de Paris á *Provincia*, conta o senhor Xavier de Carvalho que o sr. Mortillet, em plena sessão da Camara, respondera ao bispo de Angers:

—Deus?! não sei quem é. Não é cavalheiro das minhas relações.

E ri-se; e applaude.

Ora o sabio antropologista podia fazer como professor uma affirmação identica, mas não podia, como homem cortez n'uma assembleia illustrada, atirar a á cara de um homem revestido do caracter sacerdotal. O dito, repetido de quatrocentas facesas velhas e réllhas, agrava-se pela responsabilidade scientifica da pessoa que o proferia, e que não pode ter, para negar a existencia de Deus, rasões superiores ás que mil outras tem tido para a affirmarem; agrava-se pela sua responsabilidade politica, comprometendo a opinião de um Estado que mantem com a Curia relações de potencia para potencia; agrava-se pelo caracter moral e sacerdotal, e pela illustração profundissima da pessoa a quem foi dirigido; agrava-se pela indelicadeza, em face de homens que tem direito a exigir que sejam respeitadas as suas crenças; agrava-se enfim pela insignificancia, como agudeza de espirito.

Tomo a liberdade de me substituir a Monseñhor Freppel, impedido das execuções de certa ordem pela sua qualidade de padre:

O senhor Mortillet revelou-se no seu dito como sabio, um leviano; como politico, um desastreado; como homem de espirito, um pateta; como homem de sociedade, um mal-educado.

Quanto ao senhor Xavier de Carvalho,—que ri e applaude...

MUZICAS E MUZICOS

Muzica é um agregado de muzicos, tecendo e bufando (salvo seja) cada qual seu instrumento conforme a *embocadura* que Deus Nosso Senhor lhe deu.

Muzico é uma coisa que se não póde bem definir. Um muzico é um muzico, e está dito tudo. E' uma especie de animal sem classificão. Tem um pouco de crustaceo, como a tartaruga. Bate-se-lhe, e elle, dentro da casca grossa, não faz caso: endurece. Tem um pouco de arachuídeo, porque leva para toda a parte a *claque*, os apaixonados, os batepalmas, uma especie de pernas de aranha, que se estendem e distendem em redor dos coretos, de olhos fitos, curvantes, esperando a occasião da manifestação, talqualmente a aranha dentro da teia, a mosea que revolteia fóra.

Ora, ou por causa dos batepalmas, que os ha de todas as classes, até doutores formados em direito ou em torto, ou por causa de coretos, que os ha tambem melodiosos como uma aria, e sem condições acusticas como uma caua rachada na bocca d'um garoto, o que é certo é que ficamos sem ouvir, no arraial de Barcellinhos a famosa banda dos Bombeiros de Famalicão.

Devia tocar? Não devia? Isso é lá com elles. Nós, segundo a feição característica do nosso jornal, deveriamos rir a bandeiras despregadas, com a *partido*, se o foi—ou d'uma parte, ou d'outra. Ha quem diga que sim. Ha quem diga que não.

Nós, antes pelo contrario...

E' certo que o mal podia ter sido remediado, se a commissão dos festejos tivesse carregado com a capella da Senhora da Ponte lá para o fojo de Barcellinhos, assim como levou as melhores bandas, os melhores, coretos, as melhores illuminações, etc., etc.

Sim. Até ha quem diga que a *historia* d'aquelle malôgro da banda foi *partidinha* da Senhora da Ponte, pola terem mudado de casa, e por torem durante o seu dia de festa a sua capella fechada!

Se foi por isto, foi bem feito.

A Banda de Famalicão, em vez de tocar no coreto que a commissão lhe destinou, foi tocar na villa, no Largo José Novaes. Mudou de lugar, no que procedem como aquelles que mudaram a festa que era da Ponte, para o cimo de Barcellinhos. Tambem ouvimos isto, e nem dissenos que sim, nem que não.

Agora, um pouco a serio. Este incidente, e outros que tem já occorrido devem servir de lição, para que d'aqui em diante os promotores de festas deixem de fanfarras e muzicatas, e chamem antes uma muzica bôa, a valer. E' muito melhor ouvir á *mesma* muzica, muzicas *diferentes*, do que a *diferentes* muzicas a *mesma* muzica.

E fiquemos n'isto.

O Juca veio enthusiasnado com o grande successo muzical dançante, das Caldas do *Esrogo*.

Alguem perguntou-lhe:

—«Que tal, Juca?»

Elle delirante e com ares tribunicios, respondeu:

— Uma maravilha! *Improvisaram-se* n'um momento uma porção de senhoras!...

Com vista á republica americana, que é a patria das grandes invenções.

Para a moralidade do dito vamos citar a phrase do grande Sampaio.

«*Quem lhe comesse os miolos, ficava em jejum natural*».

A LAGRIMA

JOSÉ MARIA D'OLIVEIRA

Ao nosso talentoso amigo, e distincto collaborador da *Lagrimeira*, um abraço e um *chôcho*, pela maneira brilhante com que se houve, no seu 3.^o anno de Escola Medica.

Nem era de esperar outra cousa da sua muita intelligencia.

José Maria de Oliveira deve tudo o que é, ao seu esforço e talento.

Marçano, sargento e estudante, o mesmo sempre; uma intelligencia privilegiada. E sobretudo é um homem de coração. Trabalha para garantir o pão á familia. Como isto é grande!

O poeta não se envergonha da sua pobreza; conta com o seu talento para levar ao seu lar a abundancia que nunca teve. Um heroe.

Perante os homens de coração e talento como José Maria d'Oliveira, curvamo-nos sempre. Um digno.

EM TAMPA

Estão sempre a sahir de *Tampa*
Uas duzentos mil soldados,
Partem e tornam a partir
E estão sempre ali parados!

E' um caso extraordinario
Que n'esta guerra se dá!
E' por isso que essa *Tampa*
Merece r' atrás do a.

* *

O Alho, de S. Pedro, estava, no ultimo domingo, proximo do Bom Jesus da Cruz.

Chegou-se-lhe um individuo segurando um bahunho n'uma das mãos, perguntando-lhe se elle sabia ler.

Como o Alho respondesse negativamente, pediu a um outro que estava proximo, e que accedeu ao convite por saber.

A carta dizia, pouco mais ou menos, o seguinte: «Ahi lhe remetto esse ouro. Venda-m'o bem vendido. O seu valor é de 700\$000 reis.»

O leitor da carta perguntou pelo ouro ao obsequiado, o qual lh'o mostrou *in continenti*, dizendo ser papa-fina, e que o dava por 400\$000 reis, visto a necessidade que tinha de se retirar para sua casa.

Diante d'isto, o referido leitor apressou-se em offerecer 100\$000 por elle.

Alho achou que era pouco de mais.

—«Homem, tambem não é cousa de 100\$000 reis, pois se elle vale 700. . .»

O leitor pediu ao do bahu uma amostra de ouro, para o ir examinar a um ourives.

Satisfeito o pedido, ausentou-se por minutos

e regressando junto dos dois, disse ao ouvido do Alho que offerecesse 200\$000 o quanto antes, e que elle ia a meio no lucro.

Dito e feito: o Alho:

—«Eu offereço-lhe 200\$000 e é já. Não tenho dinheiro, mas vou já arranjar-o.»

O leitor deu logo 60\$000, prometendo ir buscar o resto.

O Alho de prompto conseguiu os *bilhetres* e appareceu lampeiro para negociar, dizendo:

—«Aqui está o meu; ao que o do bahu respondeu:

—«Pois o outro não deve tardar.»

Como não apparecesse continuou:

—«Eu vou procural-o; o sr. toma conta do ouro, para depois se repartir.»

Alho esperou, tornou a esperar, e os sujeitos na ja de apparecerem.

Retirou raliado para casa, a contar do succedido a seu filho, ao que este objectivou:

—«Ah, meu pae, que está roubado!»

O Alho:

—«Comigo, filho! Eu não sou da Lourinhã... Tenho lume no olho... conheço-os bem!»

E dizendo isto abriu a caixa que continha... chumbo.

Foste comido e passas
Por ter a cabeça tola;
Não te devem chamar Alho,
Pois não passas d'un cebola.

Tu quizeste ser esperto,
Mas como diz o dictado,
Foste a rir buscar lá,
E ficaste bem toquiado.

Para afogar a tristeza
D'essa grande comedella,
Vae ao Torres, Alho amigo,
E toma a tua piella.

Recebemos o seguinte bilhete postal:

Sr. redactor da *Lagrimeira*:

Lavre lá dois tentos ao jornalismo da sua terra. E' pyramidal!

O *Barcellos* a apresentar-nos um bode (um *bode*, santo Deus) que diz (elle lá o sabe) que dá muito leite.

Pergunte-lhe se é bom com o respectivo café, e se algum redactor o toma: o almoço.

O *Commercio* apresenta-nos a *bella voz* do sr. Joaquim da Cunha a cantár o fado no Eirogo, n'uma *soirée* dançante.

Faço ideia. Qualquer dia, com este reclamo do illustre critico musical do *Commercio*, temos o sr. Cunha a cantar o falinho em S. Carlos. Tão bem, tão bem, que até as dançarinas são capazes de cahir assentadas, a bater palmas.

A LAGRIMA

A *Folha da Manhã* dá-nos cada trecho que é de fugir...

Ora veja:

«Se não podem impedir a morte, podem e devem impedir a que o rapazio tome banho durante o dia em completo estado de nudez.»

Nunca vi que o verbo impedir pedisse um a depois d'elle.

«Se as auctoridades teem poder e meios de pôr cõbro a este estado de coisas, que se não faça esperar com as suas ordens terminantes e rigorosas.

Ora vejam esta concordancia: *se as auctoridades teem poder e meios... que se não faça esperar...*

Quem se não devia fazer esperar, sabem quem é? O Caturra Junior, com uma palmatória.

«O rio tambem podia produzir um grandioso effeito se tivessem feito convergir as illuminações e muito principalmente, as chamadas *aranhas* para o vasto areal.»

Até os peixes do Cavado mostram os dentes a rir d'aquella virgulação.

«No largo da Ponte as bandas dos Voluntarios, d'esta villa, e a de S. Vicente d'Areas, tocaram como poliam e sem grandes receios de se julgarem vencidos. Ainda bem.»

Na minha opinião a phylarmonica de S. Vicente devia ficar *vencido*, ao menos pelo numero superior *das bandas* dos Voluntarios...

«Os batataes, no geral, muito bons e quasi promptos para a colheita que deve ser abundantissima. Ainda ha tres semanas se vendeu no nosso mereado ao preço de 800 cada 20 litros e na ultima feira baixou ao preço de 340 reis, quantia porque se vendiam ao debandar do mercado.»

Aqui nem se pôde fazer analyse. Cada linha cada asneira.

Cada 20 litros *se vendeu*, diz primeiro. Mas, na ultima feira, *baixou*, (os 20 litros já se sabe) e era barato «porque *se vendiam*...» Agora: *ao debandar do mercado!*

«Mas, quem debandava? Era o mercado, ou eram os 20 litros, ou eram os batataes?

Era muito melhor que quem tal escreve, de batatas e batataes, tratasse antes de cavar pés

de burro para as adubar, do que metter-se a jornalista.

«Pois não seria muito melhor *jornaleiro?*
Seu

Z. S.

NO EIROGO

Do Eirogo os tristes echos
O Cunha fez accordar,
Cantando do «triste fado»,
Umhas trovas de encantar.

O dr. amigo Lereno,
Alli *piada deitou*;
É com talento e com arte,
De Valle as horas ganhou. (*)

As senhoras ao piano,
Com mais doce sentimento
Disseram coisas tão lindas;
Um puro deslumbramento!

Eu por mim gosto do Cunha,
Em noites d'almo luar,
Anlando cá pela rua,
Trovas de amor a soltar.

Os doentes agradecidos
Ao Cunha, voz de sereta,
Desejam que elle repita,
Essa bella panacea.

Essa visita ao *Eirogo*,
Eu juro por minha fé,
Que, teve só por pretexto,
A brilhante *soirée*.

**

(*) Este Valle não é o Valle boicario; é o nosso primeiro actor. Na la de confusões.

Não assistimos ao *debut* do dr. Lereno, no Eirogo, mas juramos na fé dos padrinhos que fez successo.

As bandas dos Voluntarios de Fartalicão e da Povoia tccaram aqui um ordinario que deu no goto.

As bandas de cá, sem mais preambulos, agarraram-se á peça para em S. Paio fazer a admiração dos seus habitantes.

Na partida para aquella freguezia, deram aos barcellenses esse *prato de meio*.

O gosto dos apaixonados manifestou-se assim, quanto ao sabor do desempolho

Bombeiros—Alberto Guimarães, José Mathias, e Miguel Lemos.

Barcellenses—José Mattos, José Vollosso e Joaquim Valle.

A nossa opinião: ambas enterraram o pae como poderam; mas ficou salva a reputação do auctor.